

MARIA MICAELA SOARES

GLOSSÁRIO DE LINGUAGEM POPULAR

APONTAMENTOS



MARIA MICAELA SOARES

GLOSSÁRIO DE LINGUAGEM POPULAR APONTAMENTOS

Título

GLOSSÁRIO DE LINGUAGEM POPULAR
APONTAMENTOS

Autor

Maria Micaela Soares†

Coordenação

Maria Conceição Santos
João Miguel Henriques

Edição

Câmara Municipal de Cascais – Departamento de Arquivos,
Bibliotecas e Património Histórico

Design gráfico e impressão

Sersillito, Empresa Gráfica, Lda.

ISBN

978-972-637-331-5

Depósito legal

525118/23

Tiragem

500 exemplares

Na capa

Saloiros junto ao Hotel Globo, em Cascais, c. 1900
[AHMCSC/AFTG/CAM/B/5251]

ÍNDICE

UM PATRIMÓNIO VIVO	5
INTRODUÇÃO	7
GUIA DE LEITURA	15
GLOSSÁRIO	17
ADAGIÁRIO	325
FONTES E BIBLIOGRAFIA	375

UM PATRIMÓNIO VIVO

A nossa língua é um património cultural imaterial que traduz de forma ímpar a identidade de uma nação com quase nove séculos de história e continua a unir os continentes que Portugal desvendou no século XV. O Português impôs-se, assim, como uma das cinco línguas maternas mais utilizadas no planeta, contando hoje com cerca de 260 milhões de falantes, número colossal que tende a aumentar na maioria dos países lusófonos, nomeadamente em cidades geminadas com Cascais, que tem sabido acolher e integrar cidadãos dos quatro cantos do mundo.

Por reconhecer a importância estratégica da língua a uma escala global e do estudo das suas origens para a compreensão da identidade local, a Câmara Municipal de Cascais não poderia deixar de patrocinar a edição do *Glossário de Linguagem Popular*, texto inédito da Dra. Maria Micaela Soares, ultimado poucos dias antes do seu falecimento, em 2022.

A autora de *Saloios de Cascais: Etnografia e Linguagem*, obra de referência também publicada pela Câmara Municipal de Cascais, presenteia-nos nestas páginas com um estudo magistral dedicado àquela que foi e felizmente continua em grande parte a ser «a nossa fala», como referem os seus informantes. O nosso muito obrigado à Dra. Maria Micaela Soares pelo seu empenho e generosidade, sem os quais não seria possível fixar a preciosa informação deste *Glossário*, que colaborará de forma ativa na promoção do património imaterial que Cascais pretende continuar a preservar, estudar e valorizar enquanto memória viva, transmitida de geração em geração.

Carlos Carreiras

Presidente da Câmara Municipal de Cascais

INTRODUÇÃO

Intrínseca a linguagem à vida de cada homem, parece este, por vezes, não lhe conferir o devido apreço, conquanto as mães, sôfregas por verem seus infantes falarem, vão orando ao padroeiro da linguagem: «São Luís, dá fala ao menino»; por sua vez, os cientistas linguísticos quanto se esforçaram para tê-la como objecto de estudo¹.

É ela «a actividade cultural por excelência», como postulava J. Herculano de Carvalho, há mais de meio século², o seu papel é o centro de qualquer estrutura social e, como condição fulcral de todas as comunidades, não existe, por sua vez, sem meio social. Com efeito, liga os homens (podendo também afastá-los) nas formas de pensar, nas devoções, nos costumes que o tempo for acarretando: «A linguagem é uma necessidade social e o comportamento justo na discussão de ideias é absolutamente indispensável a qualquer sociedade livre, seja ela política, religiosa, filosófica, comercial ou económica»³.

Não é natural como a marcha, pois o humano está somaticamente preparado para andar, enquanto o comportamento linguístico requer aprendizagem, no ambiente onde aquele vive⁴. O homem anda instintiva e naturalmente, mas fala por influência cultural adquirida⁵. Ignora-se quando terá surgido a fala⁶, havendo quem admita que o seu nascimento se terá antecipado a outras artes da vida material, como fazer brotar o fogo ou lavrar a pedra. O brado de Henri Berr, no prólogo a

¹ JEAN PERROT, *La Linguistique*, Colecção Que Sais-je, Presses Universitaires de France, 7.^a ed., Paris, 1967, p. 5.

² JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO, *Teoria da Linguagem: Natureza do Fenómeno Linguístico e Análise das Línguas*, t. I, Atlântida Editora, Coimbra, 1967, pp. 20-21.

³ SIMEON POTTER, *A Linguagem no Mundo Moderno*, trad. de ANTÓNIO RAMOS ROSA, Editora Ulisseia, Lisboa, 1965, p. 186.

⁴ EDWARD SAPIR, *Le Langage*, Peyot, Paris, 1970, pp. 7-8.

⁵ EDWARD SAPIR, *ob. cit.*, p. 26.

⁶ Sobre *linguagem, língua e fala*, cf. FERDINAN DE SAUSSURE, *Cours de Linguistique Générale*, Peyot, Paris, 1967; EUGENIO COSERIU, *Teoria del Lenguaje y Linguística Generale*, Editora Gredos, Madrid, 1973, pp. 18-43.

uma obra de J. Vendryes, ainda hoje ressoa: «*La mano, el langaje; he aqui la humanidad*»⁷.

Optei pela linguagem popular, à qual juntei a companhia da gíria, ciente de que ambas possuem formas capazes de tonalizar o meu empenho em mostrar como o povo sabe valer-se das suas figuras estilísticas – e não apenas nos espaços territoriais esquadrihados – para validar a capacidade sugestiva e expressar a visão que possui do mundo externo e do interno, à sua maneira, isto é, concretizando-o e servindo-se do apoio da realidade presente. Utiliza, para tanto, algumas figuras de linguagem, de modo especial alguma metonímia, sem o alcance da metáfora – primaz entre elas, ao tributar sentimentos às coisas inanimadas –, até vir a enobrecer-se com o alcance da abstracção, à substituição do particular pelo geral, o que obrigará a fala a saber deslocar-se para campos semânticos que, ao presente, lhe não são familiares; outros castiços esquemas emprega, porém: comparações, uso de partículas de realce⁸, recurso à ironia, ao adágio, ao gesto, ao silêncio definitivo com apreciável tonalidade significativa, pois todos inundam o discurso do vulgo.

Habitam este Glossário registos vocabulares escutados nas regiões transtaganas de Estremadura, Ribatejo e Alentejo, com ligeiros salpicos havidos em fugazes e informais incursões algarvias. Obteve-se a colectânea através de inquirições programadas de nível léxico-etnográfico, no trabalho diário, no lazer, em alegrias e tristezas, no riso e no choro, no ter e não ter nada. É de inteira justiça ressalvar o Alentejo, porque aí teve início o conhecimento, depois que comecei a interiorizar as vozes antigas da minha pátria – uma aldeia rural esquivada nas lonjuras baixo-alentejanas. Assente está que tal labor jamais poderá ter fim (nem mesmo se fosse aceitável a oportunidade de esgotar todo o ficheiro recolhido), conhecida como é a energia da língua⁹.

⁷ VENDRYES, J., *El Lenguaje. Introducción Lingüística a la Historia*, Colecção «Bibliothèque de Synthèse Historique, Direcção de HENRI BERR, t. 3, Unión Tipografica Editorial Hispano-Americana, México, 1967, p. V.

⁸ Sobre este ponto, cf. J. MATOSO CÂMARA JR., *Filologia e Gramática referente à Língua Portuguesa*, 3.^a edição, revista e aumentada, Rio de Janeiro, 1968, pp. 304-305.

⁹ Tudo ensinava já RAFAEL BLUTEAU, na «Advertência ao Leitor», *Vocabulário Português e Latino, Suplemento*, Parte Primeira, Oficina de José António da Silva, Lisboa, 1727: «Todos os vocabulários são obra que nunca chega a ter coroa, porque não têm, nem moralmente falando, podem ter fim».

No percurso quotidiano dos longos espaços campestres estremenho-ribatejanos, o pé a bater no chão, durante a cavalgada de muitos anos (contada entre 1967 e 2014), olhos e ouvidos despertos, partilhei uma escola de vida plena, múltipla e enriquecedora. Do que aprendi deixo amostra incolor e mortíça, sequiosa dos sons que são jacentes em pilheiras de discos fonográficos; segura é a prova de gratidão que aqui dispenso aos dadivosos informantes, donos de tão apurado e perspicaz saber, sempre aprontados à transmissão do seu passado e do seu presente.

Alguns espigos do que se deixa lançado são comuns a outras zonas do País e pertencem ao domínio público – o que não lhes retira mérito –, mas a mutabilidade vocabular compreensivelmente levará muito deste património a transfigurar-se, ser rejeitado, substituído por estrangeirismos dispensáveis, passar de moda, como sempre foi verificado. Certas entradas do GLOSSÁRIO poderão fazer surgir, aos ouvidos de hoje, algumas interrogações, não obstante consistirem, na sua maioria, em formações arcaicas, regionais ou menos ponderadas por muito triviais que, num futuro não longínquo, serão destinadas à caracterização de produtos chistosos, nas zonas em que ainda estão em uso¹⁰. A exclusão de certas delas, talvez já finadas e outras moribundas, limitará o vocabulário geral, ao mesmo tempo que cairão no esquecimento aspectos da cultura popular ainda próxima – também ela em desagregação¹¹ –, sendo apenas residentes na memória dos idosos¹². Não se quer com isto mostrar que a perda de vocábulos traduza o declínio da língua, pois bem se sabe como a evolução cultural e designadamente linguística expõem o seu progresso. Lastima-se, contudo, que o ocaso de palavras, espelho de conceitos, estados mentais, sentimentais, comportamentais, de crenças, objectos, alfaías, vivências se tenham tão impetuosamente ofuscado e que, no transcurso de três gerações, parte

¹⁰ Vem a propósito reter uma frase de **RAFAEL BLUTEAU**, *Prosas Portuguesas*, Oficina de José António da Silva, Lisboa, 1720, p. 4, acerca da idade das palavras: «de ordinário, perdem as palavras com a sua antiguidade, a sua nobreza e passam de antigas a antiquadas, ficando expostas a insultos e lastimosos despezos».

¹¹ A este propósito, cf. **AUGUSTO SANTOS SILVA**, «A Cultura Popular também pode ser conjugada no futuro?», *Actas do 1.º Encontro sobre Cultura Popular (Homenagem ao Prof. Doutor Manuel Viegas Guerreiro)*, 25 a 27 de Setembro de 1977, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1999, pp. 439-443.

¹² Alguns vocábulos menos correntes que escutei, perto dos anos Cinquenta do século findo, não o eram com efeito, visto serem utilizados na fala de quem os produziu, como o não serão se, acaso, alguém ainda fizer uso deles.

dos jovens de hoje se não interesse pelos relatos de seus avós «*cotas*», segundo os lamentos de muitos dos meus informadores. A língua não é, não pode e não deve ser imutável. A par de alterações fonéticas e semânticas e de perdas idiomáticas, contrai aquisições nascidas da inovação no progresso do conhecimento, no avanço tecnológico e em tantas outras ocorrências. Lembrava-o já Eugénio Coseriu: «A língua muda justamente porque *não está feita*, mas, sim, *faz-se* continuamente pela actividade linguística. Em outros termos, muda porque é falada; porque existe apenas como técnica e modalidade de falar»¹³. Lamentável é que a importação linguística seja de forma tão cega e sôfrega acolhida, quase sempre sem se acomodar às regras do apor-tuguesamento e isto, no tempo de hoje, por gente nova e, mesmo por alguma envelhecida.

Se algum merecimento couber a esta selecção, pertencerá, tão-só, ao povo que bem sabe servir-se da sua linguagem; no rol apurado man-tiveram-se quase sempre firmes os propósitos de lançar somente as significações menos comuns ou menos reflectidas de cada entrada e de evidenciar a capacidade expressiva do povo no terreno da transfe-rência semântica da palavra concreta para mais subtil ramo ainda con-creto, através de tropos de incidência metonímica, comparações¹⁴, etc.

Não se esquiva assim a amostragem, em múltiplas ocasiões, à inclusão de entidades léxicas incomuns ou porventura desconhecidas de mui-tos, em razão da sua ancianidade, regionalidade¹⁵, sem jamais deixar de ter em vista, como ficou explicitado, que quanto se mostre ficará sem-pre empalidecido pela carência de facetas várias, dentre as quais se lembrarão: cunho pessoal, tonalidade, interrupções, em certa medida pausas definitivas, elementos que a linguagem popular produz com excelência¹⁶.

¹³ EUGÉNIO COSERIU, *Sincronia, Diacronia e História, Problema da Mudança Linguística*, tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira, Empresa Gráfica Carioca, Rio de Janeiro, 1979, p. 63.

¹⁴ É a comparação construção que admite dois membros em confronto, um dos quais é colo-cado em função determinante, confrontante, em virtude de se conhecerem dele os elementos necessários à assimilação; em português, é usual empregar-se *como* para estabelecer a con-frontação, não obstante dar-se preferência a *que nem* na fala alentejana.

¹⁵ Com insensata audácia, acolhendo-me em **CAMÕES**, *Lusíadas*, canto I, estância 1.^a: «se a tanto me ajudar engenho e arte» (prendas estas tão arredias já!).

¹⁶ Não pôde ser exaustiva a exploração de todo o vocabulário do *corpus*, em virtude da sua extensão nem, no exposto, apresentada a reprodução fonética, por o não requerer a índole dos

Sem pretensão de obra criativa, como avisa o subtítulo e ficou já enunciado, empenhou-se este estudo na busca de abonações literárias que provassem vetustez e certa fidelidade às entradas; em lugar de relevo, aprontaram-se D. Francisco Manuel de Melo com a *Feira de Anexins*, Jorge Ferreira de Vasconcelos que exibiu, nas suas peças, abundante material, Rafael Bluteau, ao ceder o *Vocabulário e Suplementos*; de forma menos fogosa, surgiram a *Copilação*, de Gil Vicente, os diálogos de Martim Afonso de Miranda; visitaram-se, ainda, textos de Camões dramaturgo e não deixaram de ser consultados estudos de outros tratadistas linguísticos, de se relerem poetas e ficcionistas modernos, como David Mourão Ferreira, Almeida Garrett, Fialho de Almeida, Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Garibaldi de Andrade (em cujas crónicas se reconhecem vultos, sítios, chão e, para lá do cenário ambiental da aldeia focada, de modo muito vincado a sua fala)¹⁷.

De ordinário, e após tão convincentes juízos dos estudiosos, sentiu-se, no momento actual, certa complexidade para a definição de *cultura popular* e de *linguagem popular*, do mesmo modo que se não tornou totalmente líquida a classificação e delimitação de *povo*, isto é, a população que fala de harmonia com o lugar onde nasceu e vive, circunstância não verificada no início da investigação. Neste ponto, tive em vista um trabalho de AUGUSTO SANTOS SIVA, «A Cultura Popular também Pode Ser Conjugada no Futuro?», *Actas do Primeiro Encontro sobre Cultura Popular*, cit., p 440: «Como unidade substantiva, a cultura popular caminha para a não existência»; um pouco à frente (p. 441): «Na mesma medida em que perde a aparência unitária e essencialista, a cultura popular vai deixando ver uma pluralidade dinâmica de diferentes culturas populares»; adiante (pp. 442-443), recomenda, porém, posição cautelosa quanto a excessos entusiásticos de uma parte e de outra, afirmando que «a unidade aparente de antanho ilumina melhor a multiplicidade e a diversidade das relações e das formas socioculturais,

SUBSÍDIOS (em certos regionalismos e, mesmo, fora deles, sobrepôs-se, entre parênteses, sinalização gráfica na vogal aberta, ainda que não tónica e indicou-se a fonação de algumas sílabas para caracterizar a linguagem). Quanto às variedades sinonímicas de cada grupo profissional, seria incomportável o seu volume, por todos eles possuírem expressões peculiares, de maior ou menor vivacidade. O roteiro ficaria mais completo se contivesse, além do rifeiro, anedotários, trechos divinatórios, cancioneros, jogos infantis e não só, contos, lendas, orações, rezas e benzeduras, a cada hora encontrados na fala do povo, a maior parte rimados; conquanto já alinhados, vêem impossibilitada a sua presença.

¹⁷ GARIBALDINO DE ANDRADE, *Vila Branca*, Inquérito, Lisboa, 1944.

de cuja encruzilhada se faz e se pode refazer prospectivamente a cultura popular», finalizando com resposta afirmativa à sua própria interrogação do título; no terreno da linguagem, sem tão áspera reformulação, algo de semelhante encontrei e, por isso, não fazendo coro perfeito com Leite de Vasconcelos, quando acentua: «Ceux qui se moquent du langage plébeien oublient que la langue portugaise a été, comme toutes les langues, formées par le peuple»¹⁸, ao não se me afigurar justo esquecer o papel do idioma culto no progresso linguístico; não deverá ainda ignorar-se que o estudo da fala plebeia, vítima do preconceito de menoridade, dá azo a esclarecimentos sobre o passado, pode abrir caminhos para facilitar a resolução de nebulosas etimológicas e históricas da língua, patentear o quotidiano da vida familiar ou em agrupamentos sociais, manter estreita relação de permutas entre línguas com origem comum, além de valorizar laços profundos com a Etnografia¹⁹.

¹⁸ **J. LEITE DE VASCONCELOS**, *Esquise d'une Dialectologie Portugaise*, 2.^a ed., preparada por **MARIA ADELAIDE VALLE CINTRA**, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1970, p. 169; embora extravase o âmbito geográfico que me ocupa, não me esquivarei a citar aqui **AQUILINO RIBEIRO**, quando afirma ter sido entre o povo aldeão que a linguagem surgiu no ninho: «[...] a madre é na aldeia; ali está puro o idioma [...]» (**AQUILINO RIBEIRO**, *Terras do Demo*, 2.^a ed., Livraria Bertrand, Lisboa, 1963, p. 11 (a 1.^a ed. é de 1918)).

¹⁹ No tocante ao aspecto específico da Etnografia, cf. **JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS**, *Comédia Ulissipo*, 2.^a ed. (póstuma), Oficina de Pedro Craesbeeck, Lisboa, 1618, f. 173r, referindo-se aos Galegos, aguadeiros de Lisboa, aponta que diziam: «Quem tanta água há-de beber, mester há-de comer» (frase que, dois séculos volvidos, soava «A água é deles [Lisboetas] e nós vendemos-lha»); ao focar um outro ponto etnográfico, mostra o mesmo autor, na *Comédia Eufrosina*, impressa por João de Barreira, Coimbra, 1555, f. E 6r: «sempre o homem cisa pouco ou muito, peças velhas para a feira de santa ladra, baratos do fogo, nunca faltam percalços [...]»; **D. FRANCISCO MANUEL DE MELO** evoca alguns jogos infantis, um dos quais, o das «cinco pedrinhas», na sua *Feira de Anexins*, 1.^a ed., revista e anotada por **INOCÊNCIO FRANCISCO DA SILVA**, Lisboa, 1875, p. 149: «quis jogar com ela às cinco pedrinhas»; lembra ainda contos: (p. 8 «história da carochinha»); jaculatórias (p. 97: «São Luís, dai fala ao menino»; adivinhas (p. 119: «chapéu sobre chapéu e chapéu de fino pano»); eventos e costumes em épocas santificadas (p. 121: «Eu não vi as amêndoas e já me convida para os folares?/Nem eu o pão-por-Deus e estamos em Quaresma»; acerca do merecimento da fala popular, consultei ainda as obras de: **J. LEITE DE VASCONCELOS**, «Da fala do povo considerada em geral», *Opúsculos*, vol. I, Parte I, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1928, pp. 340-345; **JOSÉ G. HERCULANO DE CARVALHO**, *Teoria da Linguagem*, t. I, cit., pp. 221-260, 301-333; **MANUEL DE PAIVA BOLÉO**, «O Interesse Científico da Linguagem Popular», *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, vol. I, t. I, Universidade de Coimbra, 1974, pp. 45-93, onde, na p. 54, garante que o aprofundamento deste tipo de fala «nos dá a solução de muitos problemas de natureza etimológica», além de ajudar o estudo histórico da língua»; **ID.**, «O Estudo dos Falares Locais», *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, cit., pp. 123-132; **ID.**, «O Estudo dos Falares Portugueses Antigos e Modernos», *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*, cit., pp. 289-307; **LUÍS F. LINDLEY CINTRA**, «Áreas Lexicais no Território Português», *Boletim de Filologia*, t. XX, fascs. 3-4, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1962, pp. 273-307; **LUÍS**

Sustenta-se a gíria moderna, pelo que respeita ao domínio vocabular, do fundo linguístico vulgar²⁰, ficando a dever-se a sua complexidade, especificidade e vigor à descaracterização verbal que utiliza, através de concretizações, deliberados equívocos, deturpações processadas naturalmente aos níveis léxico e semântico; graças a distintos princípios (encontrados não apenas na linguagem portuguesa, mas também noutros idiomas românicos), tudo planeado com vista à rapidez e comodidade de manifestação do falante ou, porventura, do emissor silencioso²¹; no campo gramatical, optou, na generalidade, pela assimilação.

Com a evolução dos costumes, foi concebido este vocabulário diferenciado, sigiloso, afecto aos mais padronizados tipos de «malandros» – encarcerados e outros distintos agrupamentos à margem da sociedade (clandestinos, indivíduos com actividades ilícitas, delinquentes, mendigos, vagabundos) – que elegeram a gíria conhecida por oculta ou secreta; outros grupos profissionais, como negociantes com projectos em mente e determinadas colectividades de agentes deram preferência a diferenciadas modalidades, em convívio com os falares de seus hospedeiros, sem com eles se fundirem, antes fugindo a qualquer insensata e desaconselhável perda de autonomia, incógnita comensal que é do local acolhedor²²; distintas organizações profissionais escolheram, igualmente, gíria própria, algumas delas com direito de cobertura por este GLOSSÁRIO, não fora a magnitude de espaço de que careceriam.

A usual gíria moderna, após conquista do universo discursivo da linguagem popular, cedeu-lhe marcas vivas de elementos léxicos, com acento conotativo, ao usar a penetração no dizer familiar, onde tantos termos,

F. LINDLEY CINTRA, «Nova Proposta de Classificação dos Dialectos Galego-Portugueses», *Boletim de Filologia*, t. XXII, fascs. 1-2, Centro de Estudos Filológicos, Lisboa, 1971, pp. 81-116; LUÍS F. LINDLEY CINTRA, *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Sá da Costa Editora, Lisboa, 1983.

²⁰ «Vocabulário parasita» chamou-lhe J. MAROUSEAU, *Lexique de la Terminologie Linguistique*, Paris, 1943; AQUILINO RIBEIRO, no prefácio ao *Dicionário* de ALBINO LAPA, 1.^a ed., Lisboa, 1959, ressalva: «Que acabasse por tornar-se parasita, está também na derivação das coisas humanas».

²¹ Cf. MARIA MICAELA SOARES, *A Propósito de uma Centenária Linguagem Parietal*, execução gráfica DPI Cromotipo, Lisboa, 2011.

²² Acerca da linguagem secreta, cf. PIERRE GUIRAUD, *L'Argot*, Colecção Que Sais-je?, 5.^a ed., Paris, 1969, pp. 9-30 (a 1.^a ed. data de 1956).

a princípio inoportunos, acabaram integrados e daí extravasaram para a expressão vulgar (até para a literária, em momentos adequados).

Assiste à gíria – que não deverá merecer encómios nem menosprezos²³ – direito à sua inclusão no presente inventário, na modalidade de coloquial e no limite da linguagem plebeia; goza ela de maior amplitude entre as novas gerações, conquanto as categorias etárias mais envelhecidas também se não furtem abertamente ao seu fascínio (nos pequenos aglomerados de há meio século, pesava ainda o domínio enunciativo de feição arcaica e dialectal, caracterizadamente rural, hoje em dissipação).

Como afirma Pierre Guiraud²⁴, todas as linguagens e, em consequência, as gírias, são signos linguísticos, de classe (mas não técnicos); sem se demorar na procura de terminologia apropriada, a gíria busca, mesmo, palavras fora do vocabulário conhecido, incomuns, para caracterizarem coisas banais.

Não será ocioso recordar agora que J. Leite de Vasconcelos afirmava, a propósito do estudo da gíria, não ser ele «tão inútil como muitas pessoas, alheias a estudos de Glotologia, suporão ao repente: em primeiro lugar, importa aos tribunais, agentes de polícia, etc., conhecer as *gírias* para assim poderem mais facilmente avaliar dos crimes e pôr em prática as leis, em segundo lugar, pela análise comparativa de vocábulos colhidos em diferentes localidades, poderemos chegar a descobrir relações sociais dignas de se conhecerem; em terceiro lugar, as gírias revelam operações linguísticas muito curiosas, como na formação das palavras, na estrutura da frase, na etimologia, o que tudo tem valor para ajudar a conhecer a evolução da linguagem»²⁵.

²³ Cf. PIERRE GUIRAUD, *L'Argot*, ed. atrás cit., p. 40.

²⁴ PIERRE GUIRAUD, *L'Argot*, ed. cit., pp. 97-107; AQUILINO RIBEIRO, no prefácio ao *Dicionário de Calão* de ALBINO LAPA, 1.ª ed., Lisboa, 1959, afirma que, a seu ver, o calão «começa por ser uma linguagem de defesa do fraco contra o poderoso, do preso contra o carcereiro e algoz, do conspirador contra o juiz e o tirano».

²⁵ J. LEITE DE VASCONCELOS, *Opúsculos*, vol. IV, cit., p. 587.

GUIA DE LEITURA

Embora, na generalidade, se respeite a ordem alfabética consignada, situações existem nas quais a seriação de algumas entradas foge à norma, o que justifica a apresentação deste guia esquemático:

as expressões idiomáticas, que podem consistir em comparações e formas adágiosas, são alfabetadas pela primeira palavra: o artigo *a* antecede a sua contracção com o dito artigo; a preposição *a* em contracção com o artigo masculino *áã* singular, bem como todos os plurais, é enquadrada segundo a regra geral aqui expressa;

o significado apresenta-se entre apóstrofos;

os regionalismos expressam essa qualidade e ainda que, genericamente, se optasse pelo valor figurado da palavra, foi lançada, em algumas ocasiões, a sua significação própria, em virtude da singularidade de que se reveste ou, até, pela temida previsão do desaparecimento de termos que a responsável por estas linhas teve o privilégio de escutar;

vários títulos comportam notas de pé de página, com abonações escolhidas na Literatura, em dicionários e em estudos especializados;

conquanto a dialectologia não tenha sido preocupação primária deste trabalho, certos vocábulos mostram-se ortograficamente alterados, por se procurar mostrar a sua dicção comum; situações há em que a sonoridade de vogais vem representada entre parênteses curvos ou rectos;

a tábua de abreviaturas é contida e de fácil decifração: adj. 'adjectivo'; adv. 'advérbio'; art. 'artigo'; cf. 'conferir'; f. 'folha'; fasc. 'fascículo'; loc. pron. 'locução pronominal'; p. 'página'; pp. 'páginas'; prep. 'preposição'; reg. alentej./estrem./ribatej./sal./alg.; 'regionalismos alentejano'/'estremenho'/'ribatejano'/'saloio'/'algarvio'; t. 'tomo'; vol. 'volume'.

GLOSSÁRIO



a bandeiras despregadas (deturpação de *degredadas*) ‘abertamente’, ‘a descoberto’; cf. rir a bandeiras despregadas

a boa lavadeira no bico da pedra lava ‘o bom profissional em todas as condições actua bem’

a braços com ‘ter encargo de’, ‘ser responsável por’

a butes; cf. ir a butes e nota respectiva

a ferro e fogo ‘com malquerença’

a ferros ‘com grande esforço’

a ferver ‘estar enraivecido’

a folhas tantas ‘em dado momento’; reg. alentej.

a gente ‘nós’ (loc. pron.)

a granel ‘a monte’, ‘à solta’, ‘em desarrumação’

a horas mortas, alta noite, noite dentro ‘com a noite muito avançada’

a mais não poder ‘em excessividade’

a meia luz ‘com luz difusa’

a meia voz ‘em voz pouco audível’

a meu ver ‘segundo a minha opinião’

a miúdo, ‘amiúde’, ‘frequentemente’

a miúdos ‘em pequenas quantidades’

a modos que, por modos que, pro mondes que ‘parece que’, ‘consta que’; reg. alentej.

a montes ‘em profusão’

a olho ‘sem peso nem medida’, ‘ao arbítrio de’

a olhos fechados, de olhos fechados ‘com confiança’

a olhos vistos ‘claramente’, ‘com evidência’²⁶

a outra vida ‘vida para lá da morte’

a páginas tantas ‘em certa ocasião’, ‘em determinado momento’

a pão e laranja ‘mal alimentado’

a par e passo ‘ao mesmo tempo’

a passo de caracol ‘devagar’

a pataco, ao preço da chuva ‘muito barato’

a pé enxuto ‘passar uma corrente de água sem molhar os pés’

a pé firme ‘com determinação’

a pé quedo ‘sem se mexer’, ‘sem esforço’²⁷

a perder de vista ‘a grande distância’, ‘com extensão a deixar de se ver’

a pés juntos ‘teimosamente’

a peso de ouro ‘muito caro’

a poder de, a muito poder ‘com auxílio de’, ‘à força de’

a potes ‘em muita quantidade’

a pulso ‘com esforço manual’

a rodos; cf. potes

a sete pés ‘depressa’

a seu tempo ‘em altura propícia’

²⁶ JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS, *Comédia Eufrosina*, ed. de João de Barreira, Coimbra, 1555, f. D 67: «perdido por vós a olhos vistos».

²⁷ D. FRANCISCO MANUEL DE MELO, *Feira de Anexins*, ed. cit., p. 44: «eu a pé quedo sigo as metáforas».